

Portal O Tempo > Diversão > Artigo

#SEMPREUMPAPOEMCASA

Cristovão Tezza lança “A Tensão Superficial do Tempo” virtualmente

Neste novo romance, Tezza usa o momento recente do país para investigar os pontos de contato entre público e privado, política e intimidade

Por PATRÍCIA CASSESE

05/08/20 - 03h00



Tezza: "A literatura é justamente o terreno da ambiguidade, do duplo sentido, do mundo das nuances de significados"

 Foto: André Consentino/Divulgação

O escritor Cristovão Tezza se lembra com precisão do dia em que começou a escrever "A Tensão Superficial do Tempo" (Todavia), seu mais recente livro. "Foi no dia 3 de janeiro de 2019. Lembro bem da data porque foi o dia em que nasceu a minha netinha, a Marina. Ela nasceu à tarde, e eu comecei o livro pela manhã - eu sempre escrevo pela manhã", narra o catarinense, acrescentando que o ponto final foi colocado no dia 6 dezembro. "Ou seja, o ano de 2019 todo trabalhei todos os dias no livro", relata ele, um dos convidados desta quarta-feira, às 18h, do projeto Sempre um Papo Virtual, que terá transmissão ao vivo no Youtube

<https://www.youtube.com/channel/UCMPgpeDo9U10joSxRQZ07Yg> e Facebook

<https://www.facebook.com/SempreUmPapo/>.

O novo romance do escritor de "O Filho Eterno", entre outros romances não menos elogiados pela crítica, gira em torno do personagem Cândido, um sujeito que dá aulas de química em um cursinho ao mesmo tempo em que, em casa, trata de baixar filmes para a mãe, Dona Lourdes, com quem voltou a morar após a separação. O cenário é uma Curitiba imersa em tensões políticas, que reverberam também a polarização política do país. "É muito misterioso o processo por meio do qual eu desenvolvo um romance.

Em geral, tenho uma ideia muita vaga na cabeça, de onde parto, e, nesse caso, tinha a de um 'pirateiro' caseiro de filmes que abastece a mãe e, ainda, a (ideia) de uma fratura amorosa - um tema recorrente no que eu escrevo. As duas coisas se juntaram neste romance. E foi o que fiz em 2019, foi um ano em que fui completamente absorvido por essa escrita".

Embora tenha um lastro na realidade, Tezza afiança que "A Tensão Superficial do Tempo" está inserida na esfera da ficção no que tange às situações vividas pelos personagens. "Praticamente tudo o que eu escrevo é ficção, é fruto da imaginação, muito pouco tem de fatos reais. O único livro realmente baseado em fatos reais que escrevi - eu diria até brutalmente inspirado em fatos reais - é 'O Filho Eterno', no qual romanceei a minha experiência como pai de uma criança com síndrome de down. Mas esse de agora não, é de ficção, de imaginação mesmo. Que é o que faz a literatura: cria hipóteses de existências, paralelos existenciais. Pela imaginação, você monta uma espécie de mundo à parte. O que há de fato real é o pano de fundo. Podemos dizer que é um livro de extração realista. Tem uma linha realista. Veja, como dito, eu escrevi durante o ano de 2019, assim, o clima político brasileiro, a polarização, foi entrando no livro quase que por osmose. Está presente como pano de fundo, toda a história se faz contra esse pano de fundo. Há, pois, uma mescla de situações reais político-brasileiras, mas em torno de personagens absolutamente frutos da imaginação. Não há nenhum, ali, baseado em alguém real ou decalcado de uma figura da realidade", esclarece.

Tezza confessa ser difícil definir o personagem Cândido. "Mas ele começa já como uma referência literária, o próprio nome é inspirado, claro, na figura clássica de Voltaire, Candido, o Otimista. No caso dele, é um personagem, digamos assim, mais ingênuo que propriamente otimista, aliás, é um pouco depressivo. Mas a ideia de uma figura cândida no meio de um mundo absolutamente selvagem, agressivo e estúpido diz muito a respeito dele. É um sujeito que tem fraturas emocionais importantes. O fato de ser um filho adotado, e ter uma mãe autoritária... Aliás, a relação dele com a mãe é ambígua, paradoxal. Estamos falando de um sujeito que volta a morar com a mãe depois de já ter passado por um casamento, que fracassou. Uma mãe a quem protege e fornece filmes que baixa da Internet".

Ao mesmo tempo, um homem que nutre uma paixão avassaladora por uma mulher casada. "Ou seja, uma paixão entre aspas ilegal. Eu fui descobrindo ao longo do livro quem era exatamente o Cândido, e acho que o leitor passa por essa aventura sempre que lê um livro, ou seja, ele vai descobrindo (página a página) as sutilezas e as amenidades do personagem".

Instado a falar sobre o subtexto do livro, Tezza retruca. "Eu entendo que a literatura, ela é uma linguagem que justamente não permite uma interpretação unívoca, fechada. É uma linguagem que por si só é cheia de subtextos. A literatura é justamente o terreno da ambiguidade, do duplo sentido, do mundo das nuances de significados. Uma linguagem que existe justamente para sair da armadilha da polarização mental, do achatamento argumentativo, de tudo que é pequeno ou fechado. Eu escrevo muito para investigar, mais do que propriamente para dizer coisas que eu já saiba antes. Tenho normalmente, quando começo a escrever um livro, um projeto narrativo, vago, que é uma espécie de aventura na qual eu mergulho nela. E o processo de escrever vai me revelando coisas que sequer suspeitava. Então, não tive, assim, um objetivo muito nítido, do tipo: 'Não, agora eu vou escrever isso, para dizer aquilo, anunciar tal, revelar certa coisa. Tudo isso faz parte do pacote literário. Eu acho que a grande reserva que a literatura tem em relação à linguagem é essa sensibilidade mais complexa de percepção da realidade que não se reduz simplesmente a um 'sim' ou 'não', 'branco' ou 'preto'. Ou seja, as coisas são bem mais complexas".

Dias de quarentena. A pandemia do novo coronavírus, claro, é uma tema que não ficaria de fora da conversa. "Caramba é uma situação tão nova, tão imprevisível! Quem poderia imaginar isso seis meses atrás, que a gente estaria numa situação dessa?", indaga, acrescentando que, em dado momento, tem a impressão de que tudo parece estar agindo contra. "O mundo todo correndo atrás de uma vacina, e, ao mesmo tempo, aqui, uma política pública tão absurda, desencontrada, desinformativa. A quantidade diária de mortos... um platô que é uma coisa realmente assustadora, ou seja, vivemos uma realidade em que ao mesmo tempo temos uma tragédia sanitária e um cinismo político inacreditável. Então, é tudo muito assustador", admite.

O autor relata sua percepção de que a humanidade ainda vai falar muito dessa pandemia, mesmo quando a famigerada vacina for aprovada e aplicada em larga escala. "Eu fico na torcida, como todo mundo, para que a gente chegue a uma solução, que logo se consiga resolver pela vacina ou que a própria contaminação diminua de alguma forma - mas aqui, no Sul, aumentou bastante, começou a dar uma disparada. Enfim, que a gente possa sair disso. Mas certamente vai ser assunto para muitos e muitos anos, por muito tempo nós vamos conversar sobre essa tragédia que está acontecendo em vários os aspectos. É triste".

Do ponto de vista pessoal, Tezza até diria que o isolamento não alterou radicalmente o seu modo de vida, notadamente mais caseiro. "Mas, claro, sinto muita a falta do encontro com os amigos, das viagens que fazia, os eventos literários. Veja, agora, estou fazendo o Sempre um Papo pela Internet, mas vivia participando dos eventos do Afonso Borges. Isso eu sinto falta. Mas é o que dá para fazer, então, ainda bem que estamos conseguindo conversar assim, virtualmente, até que possamos retomar", finaliza.